
Jornalismo e Memória: a Construção de um Livro-Reportagem Sobre um Distrito às Margens do Apagamento ¹

Thiago Fedacz ANASTACIO²

José Carlos FERNANDES³

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho dialoga com pesquisadores, urbanistas e propulsores de políticas públicas, em todas as divisas, ocupados com o futuro das pequenas cidades e pequenos lugares. Isso posto, o fenômeno foi observado a partir do distrito de Itapará, pertencente ao município de Irati, no Sudeste do Paraná. Por meio da memória, da história oral e da mineração de dados, buscou-se conhecer a história e a realidade vivida pelos moradores do distrito. Como resultado, originou-se o livro-reportagem *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante*, compilação jornalística sobre lembranças, desejos e desilusões de moradores, em sua maioria marcados pela imigração ucraniana do século XIX.

PALAVRAS-CHAVES: livro-reportagem; memória; cidade; história oral; Itapará.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo que originou o livro intitulado *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante*. O material trata do distrito de Itapará, um dos quatro – juntamente com Gonçalves Júnior, Guamirim e o distrito sede, Irati – que compõem o município de Irati, localizado no Sudeste do estado do Paraná.

Em 23 de fevereiro de 1920, a região povoada por colonos ucranianos e poloneses, desde 1908, foi oficialmente reconhecida como distrito oficial de Irati por meio da lei 1.919. Desde o início, as atividades econômicas eram voltadas para o trabalho no campo. Itapará está a cerca de 50 quilômetros de Irati. O principal acesso à cidade – se não for o único – é por meio de uma estrada construída por imigrantes em troca de comida a partir de 1909 (Orreda, 1978).

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Pós-Graduação no Curso de Mestrado em Comunicação da UFPR, email: thiagofedacz100@gmail.com

³ Professor do Departamento de Comunicação da UFPR e do PPGCom-UFPR, email: zeca@ufpr.br

Um dos poucos materiais que apresentam informações sobre o passado do distrito de Itapar are s are de autoria do memorialista Jos are Maria Orreda. Segundo o autor, a coloniza are na regi are de Itapar are come areu por volta de 1908, com a chegada de imigrantes ucranianos e poloneses (Orreda, 1978). As terras, estimadas em 7.016 hectares, foram divididas em 300 lotes. A ocupa are do territ areo foi liderada pelo coronel Jo areo Lech, Jos are Durki e com participa are do padre Marciano Chkirpan e do professor Paulo Schulhan. Em um primeiro momento, os imigrantes ficaram alojados em barrac arees e casas de taquara (Orreda, 1978).

A partir da Lei Ordin areria N. are 4.232, de 20 de dezembro de 2016, foi definido que o distrito de Itapar are  are composto pelas seguintes localidades: Itapar are, Rio da Prata, Valeiros,  aregua Clara dos Baran, Faxinal dos Ferreira, Papu are dos Fiori, Cadeadinho, Linha F de Itapar are, Campina Branca, Linha B de Itapar are, Linha E de Itapar are, Vista Alegre,  aregua Mineral, Faxinal dos Neves, Cachoeira do Cadeadinho, Faxinal dos Antonios, Pinhal Preto, Pinheiro Machado, Cadeado Santana, Cachoeira do Palmital, Cadeado Grande e Palmital.

Hoje, a popula are are – na casa dos 2.626 habitantes, segundo dados do Censo Demogr arefico do Instituto Brasileiro de Geografia Estat arestica (IBGE) de 2010 – sofre com diferentes problemas. O ensino na regi areo durante muito tempo foi limitado, pois n areo havia ciclo m aredio nas escolas do distrito (somente a partir de 2011, os tr arees anos s areo inseridos na institui areo local). A sa arede enfrenta a aus arencia de m aredicos para atender a popula areo. Ademais, a dist arencia entre o distrito e o munic arepio de Irati intensifica as limita arees que a popula areo enfrenta. Mas um dos problemas de maior destaque, cujo trabalho buscou apresentar,  are o apagamento do que  are Itapar are.

Para isso, o entendimento de alguns conceitos se fazem necess arerios. Como ser are visto nos t arepicos seguintes, a compreens areo da l aregica de cidade, o que  are mem areria e a relev arencia da hist areria oral foram alguns dos elementos que nortearam o trabalho. Ademais, as possibilidades inclusas no formato livro-reportagem, bem como a sua rela areo com o movimento do Novo Jornalismo se fizeram igualmente importantes para a constru areo do livro que, ao mesmo tempo que buscou retratar a realidade observada, teve como principais protagonistas aqueles que a viveram por toda uma vida.

ENTRE CONCEITOS: CIDADE, MEM areRIA E HIST areRIA ORAL

A produção do livro-reportagem *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante* foi antecedida de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de encontrar materiais de base para a compreensão e desenvolvimento do tema escolhido. Por isso, os conceitos de cidade, memória, história oral, bem como informações sobre o território paranaense e o distrito objeto de pesquisa foram essenciais para a construção do material jornalístico.

Para a formação do entendimento do primeiro conceito, o de cidade, é preciso ter em mente que se trata de uma ideia em movimento, com diferentes entendimentos que são, por vezes, complementares, mas também divergentes. Raquel Rolnik (2004), por exemplo, oferece um entendimento de cidade como um grande ímã que atrai os seres humanos. A autora também trabalha com a ideia de que esse espaço opera como um conjunto de letras que compõem o alfabeto, podendo se transformar em novas frases e palavras que trazem novos significados para os espaços.

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto (Rolnik, 2004, p. 17).

A cidade pode ser entendida, ainda, como um espaço vivo, cujas mudanças advindas do tempo e por aqueles que ali habitam são capazes de trazer ressignificações. Por meio de uma perspectiva mais prática, Gehl (2012), considera que a cidade precisa oferecer um espaço público que consiga sustentar a vida urbana que ali existe. Nesse sentido, uma cidade viva é também uma cidade que oferece condições para que os sujeitos que a procuram consigam habitá-la e, eventualmente, transformá-la.

Agier (2011), por sua vez, olha para a cidade como um espaço de relações. Segundo o autor, as interações entre os indivíduos torna possível a existência desse espaço. Seguindo essa perspectiva, Ecléa Bosi (2003) olha para a cidade sob a perspectiva de valorização do ambiente doméstico, o considerando um espaço de memórias. Para a autora, os utensílios são biográficos e envelhecem juntamente com a história daquele que os possui, os objetos são representações do momento vivido e revelam a “aventura afetiva” de quem vive naquele espaço.

O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas histórias de vida, podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradiava a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos (Bosi, 2003, p. 74).

Vale ressaltar que Itapará, o lugar que foi objeto para o desenvolvimento do livro-reportagem, não é uma cidade, nem município, mas um distrito. No entanto, os habitantes daquela região vivem dentro de uma lógica de dependência da cidade, bem como habitam um lugar cujas características, em certa medida, se aproximam e se apropriam do entendimento do que é cidade.

No que tange ao conceito de memória, Bosi (2003) resalta a importância daquilo que ela chama de “crônica do cotidiano”. De acordo com a autora, a história comumente ensinada nas escolas oferece uma representação engessada do fato histórico, sem olhar para os micro comportamentos, para as relações que aconteceram ao longo de determinado contexto. Heller (2014), em um sentido parecido, coloca o cotidiano, o corriqueiro, como algo presente em todos os indivíduos. A vida ordinária é o que dá espaço para a apreensão dos sentidos e, por sua vez, da realidade em que vivemos.

É possível dizer que existe uma disputa entre história e memória. Segundo Sarlo (2007, p. 9), “o passado é sempre conflituoso”. Sendo assim, apesar do cotidiano proporcionar uma perspectiva individual que contribui para entendimentos mais amplos, é quase impossível pensar em uma convergência livre de desentendimentos entre essas duas perspectivas.

Memória também é um fenômeno coletivo, que surge a partir de experiências e vivências de um grupo. A memória coletiva, por sua vez, pode ser compreendida como uma junção de diferentes pontos de vista de memórias individuais. Pollack (1992) oferece um entendimento melhor sobre isso. Para o autor, os acontecimentos não precisam ser vividos por todos, mas esses fatos, por vezes, tomam proporções tão grandes que passa a ser difícil identificar se participamos ou não de determinado acontecimento. Halbwachs (2003), nesse sentido, aponta que as nossas impressões se complementam com a do outro, cujas lembranças pessoais significam, então, um conjunto de informações coletivas que nos são lembradas por outras pessoas.

Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimentei ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (Halbwachs, 2003, p. 31).

Por fim, a história oral aparece como instrumento fortalecedor da valorização dos relatos pessoais, visto que insere o indivíduo como figura relevante do processo histórico, valorizando sua narrativa e sua memória. Thompson (1992) defende que as narrativas orais são capazes de oferecer novas dimensões à história bruta como conhecemos. Os sujeitos se tornam parte da construção do conhecimento histórico e a própria história se apresenta de forma mais democrática.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (Thompson, 1992, p. 22).

Sarlo (2007) defende que as narrativas orais passaram a ser mais valorizadas com o decorrer do tempo. A necessidade de olhar somente para documentos e registros escritos deixou de ser uma das únicas formas de se obter conhecimento histórico. O relato, juntamente com as suas subjetividades e individualidades, se tornou um importante instrumento para a compreensão de diferentes contextos.

METODOLOGIA

Para a construção e produção do livro-reportagem, foi essencial entender o que esse formato engloba, bem como a ligação com o movimento do Novo Jornalismo. Este último, segundo Pena (2006), representou a fuga do *lead* na atividade jornalística. O autor, sintetizando as ideias de Tom Wolfe (autor do manifesto que representou o movimento), elenca algumas das características que estariam presentes nessa nova forma de se fazer jornalismo: reconstrução da história cena a cena; registro de diálogos completos; apresentação da cena a partir do ponto de vista de diferentes personagens;

registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens (Pena, 2006).

Ferreira (2003) aponta que, para Wolfe, a utilização instrumental da literatura, com enfoque no realismo, se torna um elemento importante. Nesse sentido, a construção de diferentes cenários em uma reportagem, a caracterização e o desenho de diferentes personagens, bem como a construção e reconstrução de seus diálogos, passam a ser aspectos que complementam o conteúdo jornalístico de forma a chamar uma atenção maior do público.

[...], o Novo Jornalismo é hoje questão política porque tanto pelas suas origens quanto pela sua prática atual (ou práticas assemelhadas) pode colocar em dúvida, por um ou outro meio, certezas da ordem estabelecida, a verdade tomada como única, abrindo-se caminho para, ou facilitando-se, a inserção da (re)construção do mundo pelas classes dominadas (Ferreira, 2003, p. 299).

Para Borges (2013), o Novo Jornalismo surge com o objetivo de revogar as regras da imprensa e adotar procedimentos da literatura. Além disso, o movimento trouxe a retomada das grandes reportagens, que haviam perdido espaço para os materiais mais enxutos e objetivos que dominaram os veículos de imprensa. A emoção inserida no produto jornalístico passa a ser mais notória, juntamente com outros elementos que tornam o material menos engessado. Os acontecimentos ganham nomes e rostos e o narrador passa a estar no centro da ação (Borges, 2013).

Anterior a esse movimento, alguns autores discutem que a existência do formato livro-reportagem já era uma realidade. Belo (2006), por exemplo, afirma que já haviam registros na Europa do século XIX que podem ser interpretados como materiais que se enquadram nesse modelo. O autor define livro-reportagem como “um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico” (Belo, 2006, p. 41). O autor ainda complementa dizendo que:

Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa (Belo, 2006, p. 41).

Para além disso, o autor estabelece que o formato livro-reportagem necessita de uma série de condições específicas. A durabilidade da informação, por exemplo, assim como a profundidade e a originalidade na abordagem de determinada pauta são algumas delas. Se o formato aparenta oferecer maior liberdade ao repórter, é preciso não entender isso como sinônimo de menor compromisso com a informação com a qual se trabalha. Nesse sentido, se comprometer com os dados e a apuração do material é ainda mais fundamental. Não basta se ater ao fato em si, é preciso se transportar para além, de forma que se torne possível estabelecer relações que ampliem o entendimento sobre o assunto que está sendo trabalhado.

Se atentar para os detalhes pode transformar completamente a abordagem que se escolhe para um livro-reportagem, de maneira que novas informações podem oferecer novas dimensões acerca da temática trabalhada. “Às vezes, um detalhe aparentemente insignificante ganha dimensão na medida em que novas revelações vão se juntando. Além disso, minúcias, quando reunidas numa massa de dados, facilitam a interpretação dos fatos” (Belo, 2006, p. 90-91).

PRODUÇÃO DO MATERIAL JORNALÍSTICO

Tendo brevemente abordado essas ideias, seguimos com a descrição do processo de produção do livro-reportagem. Ao todo, foram três visitas de campo ao distrito de Itapará e à cidade de Irati, no Paraná. A primeira foi feita em abril de 2023, durante o período de celebração das festividades de Páscoa. O objetivo principal desse primeiro contato para a produção foi o de consultar os moradores para ouvir quais aspectos do distrito não poderiam ficar de fora de um livro-reportagem sobre Itapará. A união da comunidade, a igreja ucraniana e a história da região foram alguns dos elementos citados.

Em agosto do mesmo ano foi feita a segunda visita. O foco desta foi a festa da padroeira da Igreja Assunção de Nossa Senhora, a igreja com raízes ucranianas de Itapará. Os principais resultados desse evento foi a coleta de material fotográfico, bem como a realização de algumas entrevistas que serviram como apoio para uma abordagem futura e com maior profundidade.

Em setembro de 2023 aconteceu a visita de maior duração, com sete dias de atividade. No primeiro, foram consultadas as instituições públicas, como a prefeitura, a

Casa da Cultura de Irati, e a Paróquia Coração Imaculado de Maria. O objetivo foi encontrar quaisquer registros, dados, documentos e possíveis fontes para a construção do livro. A expectativa ao ir presencialmente nessas instituições era a de conseguir materiais confiáveis para entender a realidade de Itapará a partir de registros documentais oficiais. No entanto, o único material obtido sobre o distrito foi meia página de um livro sobre os cem anos da história de Irati.

Nos dias seguintes, foram realizadas visitas às casas dos moradores de Itapará, principalmente da pequena comunidade que tem o mesmo nome (Itapará é formado por diferentes sub-regiões que compõem o território do distrito). Além dos moradores, a igreja, a unidade de saúde e as escolas da região foram visitados para a coleta de depoimentos e informações. Como descrito no livro, moradores e trabalhadores contaram sobre os desafios que a região enfrenta, bem como a falta de participação do poder público no distrito.



Fotografia de uma rua paralela à Rua Principal de Itapará (O autor, 2023).

Pode-se dizer que o método utilizado foi o jornalístico. O processo jornalístico é estruturado em três pilares: atitude, método e narrativa (Gandour, 2020). A atitude consiste na independência profissional, em não ter medo de questionar aqueles que

precisam ser colocados contra a parede. A narrativa é a forma como o discurso, que tem base no factual, se articula e sustenta-se. O método está desde a busca pela notícia, pelo que é novo, até a forma como se trata a informação e a transmite ao público (Gandour, 2020). Assim, objetivou-se por alinhar esses pilares na busca pela construção de um trabalho que visou colocar a experiência humana como protagonista de uma história em que pouco se tinha registros.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Como resultado do processo de pesquisa e da atividade jornalística, foi publicado o livro intitulado *A cor da pedra: mapa afetivo de um distrito distante* pela editora Nova História. Ao todo, foram mais de mil quilômetros rodados para a produção do material, quase oito horas de gravação de entrevistas, mais de 300 fotografias feitas e cerca de 20 fontes consultadas e entrevistadas. O material conta com cinco capítulos e um prefácio escrito escrito pela jornalista e advogada Katna Baran, descendente de ucranianos e editora voluntária do jornal da Sociedade Ucraniana.

TABELA 1 - OS CINCO CAPÍTULOS DO LIVRO

Capítulo	Tema
Capítulo 1: Registros sobre Itapará	O primeiro capítulo funciona como uma introdução às dificuldades de conhecer Itapará de forma oficial. Os registros históricos e as informações disponíveis online são limitadas. No entanto, busca-se reunir os dados existentes para desenhar uma Itapará a partir dos documentos oficiais.
Capítulo 2: A memória dos moradores	Conta sobre uma Itapará a partir da memória dos moradores mais antigos, resgatando as dificuldades e os desafios que uma região rural e afastada da sede

	municipal enfrentou.
Capítulo 3: A Itapará de hoje	Há o destaque para os problemas que existem há décadas e que ainda não foram solucionados. A prefeitura de Irati foi consultada para esclarecer algumas questões, visando apresentar os dois lados da história, mas não foi possível obter resposta para qualquer uma das perguntas feitas. Ao todo, a prefeitura foi contatada quatro vezes para prestar esclarecimentos em um período de um mês e meio.
Capítulo 4: Fé e tradição	Conta-se sobre a relação dos moradores com a fé católica e a importância simbólica que o templo religioso tem em suas vidas. Além disso, aspectos de tradição são destacados para diferenciar o rito bizantino católico do latino. O cemitério de Itapará também é apresentado, bem como a falta de regulação até o ano de 2019, quando passou-se a arquivar os dados de todos aqueles que foram enterrados ou sepultados no local.
Capítulo 5: O futuro de Itapará	O último capítulo procura desenhar um futuro para Itapará. Ao mesmo tempo que moradores acreditam que o local vai desaparecer, outros acham que o distrito jamais vai deixar de abrigar sua gente. Maria Ângela Endlich, professora de

	Geografia na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e autora do livro “Pensando os papéis e os significados das pequenas cidades” (2009) colaborou para um entendimento particular sobre a região.
--	--

Fonte: O autor (2024).

Uma das conclusões a qual foi possível chegar é a de que declarar se Itapará vai ou não desaparecer um dia é uma resposta imprevisível e que carece de análises mais profundas. No entanto, é possível afirmar que o distrito ainda vive e cultiva suas raízes, mesmo que elas estejam secando. A história e memória de sua população se vai aos poucos com o passar dos anos e esta última, frágil e quase não difundida, não encontra forças para se manifestar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da produção do livro-reportagem e das pesquisas realizadas para a sua construção, percebe-se que ainda é preciso definições mais sólidas para o entendimento de cidade, bem como outras que contemplem pequenos lugares como o distrito de Itapará.

A memória e as narrativas orais, neste trabalho, se mostraram como principais instrumentos para a construção do que seria Itapará. A ausência de documentos oficiais e de informações públicas de fácil acesso se apresentaram como dificuldades durante a fase de produção, mas também como possibilidades, uma vez que a falta de informação pode ser interpretada como uma informação em si. A partir disso, conhecer a história do distrito a partir dos moradores tornou possível uma aproximação mais íntima. Assim, a coleta de diferentes perspectivas e realidades contribuiu para um maior entendimento das complexidades existentes naquele espaço.

A investigação sobre a história e a existência do distrito não foi esgotada. Há a necessidade de que outros estudos sejam feitos para que se possa conhecer mais sobre outras regiões existentes dentro do distrito e até mesmo os demais – Gonçalves Júnior e Guamirim –, tendo em vista as complexidades e particularidades de cada lugar.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9 ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo literário**: teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2013.
- ENDLICH, Maria Ângela. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. São Paulo: Ed, Unesp, 2009.
- GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão**: a segunda morte da opinião pública: como o encolhimento da imprensa e o uso crescente das redes sociais por governantes podem degradar o ambiente informativo e prejudicar a democracia. São Paulo: Summus, 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.^a ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 10.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ORREDA, José Maria. **Irati 70 anos**. Irati: Editora Sul-Oeste do Paraná LTDA, 1978.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jul/dez., 1992.
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.